

# Uma nova especie de *Hadronotus* (Serphoidea: Scelionidae)

PELO

DR. A. DA COSTA LIMA

Na presente nota descrevo um novo *Hadronotus*, que se cria em ovos de *Diactor bilineatus* (Fabr.) (Coreidae). (1) Os exemplares típicos foram obtidos em S. Vicente (S. Paulo) pelo Sr. Conde Amadeu A. Barbiellini, a quem dedico a especie.

## *Hadronotus Barbiellini* n. sp.

♀. — Negro. Escapo pardo amarelado, os demais segmentos antenais, excetuando os 5 (negros) terminais da clava, são da cor do escapo, porem um tanto enfuscados para dentro. Pernas de cor parda amarelada, exceto o último articulo tarsal enegrecido e os quadris, que são negros.

Cabeça um pouco mais larga que o torax, apresentando linhas salientes, formando areolas poligonais relativamente grandes. No meio da frente ha uma areola hexagonal, dentro da qual e perto do lado posterior se acha o ocelo mediano. Dos ângulos laterais desta areola partem linhas, que se dirigem para diante, para os lados e para trás, formando areolas menores. Do meio do lado anterior parte uma perpendicular que termina adiante na linha saliente curva divisória entre a frente e a face. O lado posterior forma o lado anterior da outra areola semelhante, situada imediatamente para trás e longitudinalmente dividida no meio. Desta 2.<sup>a</sup> areola partem também 2 linhas ou ramos salientes posteriores e 2 laterais; estes — para trás dos quais ficam os ocelos laterais — terminam no extremo posterior de uma linha saliente, paralela no bordo interno do olho, a qual se liga adiante com a linha divisória da frente e da face; aqueles, no prolongamento do lado posterior da areola, formam a crista que separa o vertex da região occipital. Esta crista, prolongando-se, de cada lado, até a borda superior do olho, acompanha-a numa pequena extensão, para se dividir, pouco acima do nivel da inserção das asas, em 2 ramos salientes; um anterior, que margina paralelamente a borda do olho até a frente, onde se desvia para

(1) *Diactor bilineatus* (Fabr.) é um dos mais elegantes insetos e muito facil de se encontrar no nosso litoral, especialmente onde vicejam as passifloraceas. E' o chamado percevejo do maracujá, cuja gravura colorida a CHA. E QUI. divulgou ilustrando o trabalho publicado no fasciculo de 15 de Dezembro de 1937: MARACUJA' NOVA FONTE DE RENDA. Este inseto hemiptero coreida se alimenta em todas as suas idades do maracujá, fincando seu estilete nos capulhos e nos frutos prejudicando-os. Estudando a biologia deste inseto, o editor de CHACARAS E QUINTAIS que é um apaixonado estudioso da entomologia, descobriu o pequeno parasita icneumonida que vive a custa dos ovos do *Diactor bilineatus* F. Ten do enviado todo o material ao nosso douto colaborador e amigo o sr. Professor Costa Lima, o illustre catedrático de Entomologia Econômica da Escola Nacional de Agronomia que é sem favor nenhum primus inter pares no nosso continente pelo que dis respeito á disciplina que escolheu como campo de seus estudos e pesquisas, o laureado autor "OS INSETOS DO BRASIL, verificou que a especie era desconhecida pela ciência. Eis então que o Prof. Costa Lima, com a generosidade amavel que tanto o distingue quis dedicar ao nosso Editor a nova especie, homenagem desvanecedora, que aqui se agradece com satisfação e humildade.

sões semelhantes, porém, mais numerosas e mais aproximadas, ocupando toda a superfície.

o meio, formando a linha saliente que a separa da face; outro posterior, que continua a separar o occiput das regiões temporal e genal. Nestas regiões ha 2 carreiras de areolas quadrangulares, que se alargam para baixo.

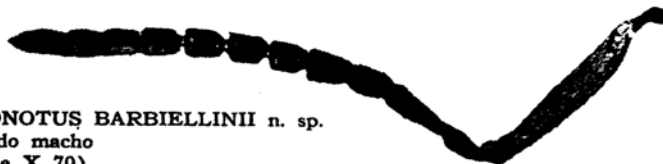
O estreito espaço entre o bordo do olho e a linha saliente que o acompanha é transversalmente dividido em pequeninas areolas.

Para trás e para baixo da crista que separa o vertex do occiput ha uma área em forma de crescente, de concavidade voltada para o foramen occipital, constituída por 2 séries de areolas superpostas, exatamente como Nixon (1934) descreve para *H. saxatilis*.

Antenas inseridas perto da boca, bem abaixo de uma linha imaginária passando pela borda inferior dos olhos.

Face (espaço frontal situado acima da base das antenas e para dentro da linha curva saliente que a separa da frente) apresentando, no meio, profundo sulco longitudinal, transversalmente estriado, aos lados do qual ha uma série obliqua de 4 a 5 areolas relativamente largas, imediatamente para dentro das pequeninas areolas que marginam o bordo do olho e para fora de outra série de areolas, bem menores, que lhe ficam paralelas.

Olhos nús; antenas como na figura 1.



HADRONOTUS BARBIELLINII n. sp.  
Antena do macho  
(cêrca de X 70)

Torax apresentando tambem linhas salientes, formando areolas poligonais; as maiores, nas metapleuras, são um pouco mais largas que um ocelo; as do scutellum são bem menores que as do mesoscutum. O postscutellum apresenta-se dividido em profundas depressões, separadas por costas salientes, longitudinais.

Asas, com a marginal quasi punctiforme, tendo  $\frac{1}{4}$  do comprimento da estigmal, que tem um pouco mais de metade da post-marginal.

Pilosidade toraxica palida, mais longa e abundante que a da cabeça.

Abdomen distintamente mais longo que largo; 2.º tergito quasi 2 vezes mais longo que o 1.º e um pouco mais longo que os demais tergitos distais, reunidos; 1.º tergito apresentando cerca de 10 sulcos longitudinais, que se aprofundam muito na parte anterior ou basal; 2.º com reticulação irregular em toda a superfície, formando rugas longitudinais na metade anterior, que se tornam mais salientes na parte em relação com o bordo posterior do 1.º tergito.

Todos os esternitos pontuados; o 2.º, porém, mais fortemente, tendo adiante cerca de 14 profundas impressões longitudinais, imediatamente atrás do bordo anterior; 1.º esternito, muito estreito, com impres-

**Macho.** — Difere da fêmea, principalmente, quanto ao aspeto das antenas (v. fig. 2).

Comprimento: ♀ — 2,4 mm.; ♂ — 2,3 mm.



**HADRONOTUS BARBIELLINII** n. sp.

Antenas da fêmea  
(cêrca de X 70)

**Materiał típico** — 4 ♀♀ e 3 ♂♂ obtidos pelo Sr. Conde Amadeu A. Barbiellini, em S. Vicente (S. Paulo), XII-1937, de ovos de *Diactor bilineatus* (Coreidae); n.º 3495 da coleção do Instituto Osvaldo Cruz; **holotipo**, ♀ e **alotipo**, ♂, no vidro n.º 1346; **paratipos** (3 ♀♀ e 2 ♂♂, nos vidros 1347, 1403 e 1404).

Na chave de Kieffer (1926) esta especie aproxima-se de *H. rugosithorax* Ashmead, 1895 e *H. carinatifrons* Ashmead, 1895, que, em Porto Rico, tambem se cria em ovos de Coreideo. Na nossa especie, porem, a nervura marginal é mais curta que nestas especies; as tibias são de cor amarela uniforme e o 3.º urotergito tem menos de 1/3 de comprimento do 2.º.

**Fazenda Rio Grande**

Jacarépaguá — Distrito Federal

Um notavel exemplar da Raça Ayrshire, puro sangue, produto da Fazenda Rio Grande, Jacarépaguá, Distrito Federal.

Filho de AUCHENBRAIN BIG KATE 34th, vaca importada padreada pelo famoso touro LYONSTON CELEBRITY.

A mãe de AUCHENBRAIN BIG KATE 34th, na primeira lactação deu 14.370 libras com 3,95%. A mãe do pai de AUCHENBRAIN BIG KATE 34th, a famosa AUCHENBRAIN BIG KATE 13th foi prodigiosa como vaca leiteira e leite rico, tendo sido declarada Campeã durante dous anos no Royal Show, da Inglaterra, a maior exposição anual no mundo de Gado fino.



DOMINÓ de Jacarépaguá

**COELHOS E  
ÁGUA  
CORRENTE**

**CONSULTA** (Do sr. Revmo. H. S., de Mariana, Estado de Minas Gerais): "Tenho minhas coelheiras todas mais ou menos um metro e meio acima do chão e por baixo corre um pequeno rêgo com água para levar as fézes, pois o fundo de todas as caixas, no número de quinze, é de arame fino. Agora, queria perguntar se esta água corrente pode fazer mal aos meus coelhos. Gostaria muito que as respostas podessem vir publicadas num dos próximos números da CHA. E QUI, revista que se tor-

nou nestes trinta anos, tão necessária, quanto gradavel, etc."

**RESPOSTA:** O modo de construir as gaiolas por cima de água corrente afim de se poupar o trabalho de limpeza não me parece aconselhável. O coelho exige um lugar sêco e abrigado contra correntes de ar, as quais, no meu vêr, serão produzidas pela água corrente. Mesmo que as coelheiras lateralmente forem fechadas até o nível da água, deixando somente passagem ao rêgo, existiria sempre um certo grau de umidade que pode prejudicar o bem-estar dos coelhos.

Germano HATZFELD.